



DOI: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2024v12id5390>

Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales

Sem garantias: trajetórias e problemáticas nos estudos culturais

Without guarantees: trajectories and Issues in Cultural Studies

Macri Elaine Colombo – Universidade Federal de Santa Maria | Santa Maria | RS | Brasil. E-mail: jornalistapedagoga@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9829-2926>



HALL, Stuart. El trabajo de la representación. *In*: HALL, Stuart. **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Bogotá: Envión Editores, 2010.



Stuart Hall é um importante sociólogo e teórico cultural britânico-jamaicano que viveu na Inglaterra. Ao lado de Richard Hoggart e Raymond Williams fundou a escola de pensamento conhecida como "Estudos Culturais britânicos ou Escola de Birmingham dos Estudos Culturais". O estudioso propagou, a partir da sua visão pós-colonial, novos argumentos e novas explicações sobre o mundo, além de tratar sobre questões econômicas e sociais, com destaque maior para a cultura, ou seja, para o seu exercício vivo, por assim dizer, na sociedade. Seu interesse era com as práticas culturais, sobretudo, da camada dita popular.

A divulgação de seus estudos deu-se, inicialmente, por meio de vários artigos, que deram origem à obra *Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales* (2010), cuja primeira tradução foi para o espanhol. O livro tem por objetivo um embasamento científico e reflexivo que contempla as mais variadas áreas. Ele apresenta 619 páginas e está dividido em 5 partes: *Sobre los estudios culturales; Contribuciones a la teoría social: no-esencialismo, hegemonía e ideología; Raza y etnicidad; Identidad y representación*; e, por fim, *Multiculturalismo, globalidad, estado y postcolonialidad*.

Para esta resenha crítica, escolhemos descrever a penúltima parte do livro: *Identidad y representación*, que inicia na página 337 e vai até a página 483, mais especificamente, o tópico que condiz com *El trabajo de la representación*, situado na página 447. Nesse tópico, Hall analisa as contribuições de Saussure, Peirce, Barthes e Foucault no campo da linguagem como representação. A obra destaca o significado da representação, sua conexão com a linguagem e com a cultura, de modo a construir um sentido sobre o mundo ou para representá-lo de maneira significativa para outras pessoas, ocorrendo a comunicação. É importante destacar que é assim que Hall segue o pensamento de Saussure, no que diz respeito ao sentido/significado ser construído e não realizado por meio do reflexo ou pela intencionalidade.

Hall conta que existem dois processos dos sistemas de representação: mapa conceitual e linguagem. Antes é preciso compreender que, para ocorrer o mapa conceitual, já existem na natureza os objetos e os signos com seus respectivos contextos históricos e culturais inseridos na sociedade. Eles estão vinculados aos fenômenos do tempo, do espaço e da história, que influenciarão os sentidos/significados ao se perspectivarem no início de uma comunicação que pode se tornar compreensível.

É pertinente esclarecer também que o mapa conceitual é representação, imagem acústica, a qual Saussure chama de significante, é a forma como, por exemplo, palavras e fotos utilizam linguagens diferentes. É o responsável por organizar e estruturar, por meio de semelhanças ou diferenças, para se distinguir e/ou se relacionar com um objeto, levando o intérprete a elaborar um interpretante proposto pelo signo e assim dar um conceito/significado que o emissor queira transmitir para dar procedimento a um processo comunicativo, enfim, a uma comunicação. Vale a ressalva



de que, ao fazer o mapa conceitual, é necessário, em seguida, a fim de expressar os sentimentos, as percepções e as representações de sentidos de algo, que se suceda a prática da linguagem, quer seja verbal ou não, para a realização de uma comunicação.

Para que essa comunicação não tenha ruído, os interlocutores devem ter a mesma cultura, pois facilita que o sistema classificatório no mapa conceitual seja decifrado, tendo um processo comunicativo com entropia positiva. Isso significa que ambos conseguiram se comunicar ou se aproximar ao interpretar os signos de uma linguagem, porque ambos conseguiram compartilhar o mesmo significado.

Já que os signos estão no lugar de, ou representam os conceitos e as relações conceituais que portamos em nossa mente, conseqüentemente o seu conjunto constitui o que chamamos sistemas de sentido de nossa cultura. Desse modo, sabemos que os signos estão organizados em linguagem, o que consiste em pensar que os signos estão dentro da linguagem e, quando dentro de um processo comum, facilitam a comunicação. Claro que alguns signos, como o índice, representado pela indicação (por exemplo, fumaça indica a presença de fogo), não são tão fáceis de compreender comparado ao signo visual/ícone, que é decifrado por meio da semelhança para interpretar os signos de uma linguagem. O índice precisa ser afetado pelo objeto ao qual se refere, aproximar-se e plasmar-se ao fenômeno relacionado ao ícone, para que suceda a etapa da secundidade peirceana, que é uma categoria do fenômeno, em que desperta a nossa atenção interpretativa sobre o ícone que é tido como primeiridade.

Por fim, temos o símbolo, que é uma representação convencionalizada, por meio de leis, hábitos ou pela cultura, por exemplo. Ele pode existir independentemente do seu objeto. Para a constituição de um símbolo não é necessária a existência do objeto real. Basta que ele seja imaginado pelo sujeito pensante, o que pode estar incluso no processo comunicativo quando, por exemplo, ele dialogue sobre um ritual indígena.

Lembrando que, ao dialogarmos sobre esta resenha, estamos considerando que a primeiridade, secundidade e terceiridade fazem parte da relação triádica, a qual é apresentada entre signo, objeto e interpretante. Essa relação pode estabelecer outras divisões triádicas, gerando outras classes de signos. Neste trabalho, deter-nos-emos ao ponto de vista do signo com o objeto, que engloba a segunda tricotomia, que diz respeito ao ícone, índice e símbolo.

De acordo com o pensamento de Peirce de que “toda ideia é um signo”, para entender o signo é necessário compreender os fenômenos, que nada mais são do que tudo que se encontra em nossa mente e aparece externamente nas coisas quando as sentimos, quer seja uma lembrança ou uma motivação que ocorreu recentemente ou no presente. O estudioso entende que as variedades de fenômenos no nosso cotidiano são classificadas em três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade, consideradas como a base de um signo.



Podemos dizer que a primeiridade é a categoria que enxerga a qualidade do objeto de maneira imediata, no primeiro sentido que vem à mente. É a primeira sensação sentida do objeto real ou imaginário. Depois dessa fase, chega-se na secundidade, que ocasiona uma força de reação aos fatos externos devido à experiência, à existência e à ocorrência do objeto. Por fim, a terceiridade é uma síntese intelectual entre as outras duas categorias do fenômeno, tida como categoria, por exemplo, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos. Enfim, ela representa e interpreta os fenômenos do mundo, pois é quando o objeto passa a representar alguma coisa (signo convencionalizado).

Na obra, é perceptível que o fator cultura pode fazer com que o sentido representado por meio de um objeto tenha um significado diferente, como o clássico exemplo do semáforo citado no livro. Assim, para que haja a comunicação sem ruídos, precisamos do código para fixar o sentido por determinado tempo, pois é o código que "[...] estabelece uma correlação entre nosso sistema conceitual e nosso sistema de linguagem" (p. 455). Ao ser compartilhado, espera-se que tenha a mesma interpretação dentro de um processo comunicacional, já que a língua é arbitrária e possui signos arbitrários devido às regras, às leis impostas na sociedade ou por convenções sociais. Contudo, vale dizer que os códigos não fixam o sentido relacional.

Por outro lado, devemos enxergar a relevância da diversidade e da flexibilidade para que haja a criatividade de "viver", de "enxergar" e concomitantemente de expressar certos acontecimentos com propensão para mudanças, de modo a transformar o significado dos signos visando à entrada de novos signos, por meio, por exemplo, da tecnologia. Com isso, vivemos com frequência certos fenômenos que trazem mudanças no nosso cotidiano, ou seja, em nossas representações de sentidos.

A reflexão que fica neste momento é que Saussure não errou, ele fez uma escolha e optou por não dar tanta importância para a referência/representamen/signo, ou para o modo de viver das pessoas. Peirce, por sua vez, buscou construir a relação triádica, preocupado com as questões fenomenológicas; já Saussure quis focar na forma chamada de significante, a qual também possui a linguagem. No que se refere à ideia do objeto, quer seja real ou ficcional, seria construída na mente, dito como significado, estudando apenas uma parte da linguagem que diz respeito às regras impostas pela língua para haver comunicação. As regras são fechadas e limitadas, podem controlar e sistematizar uma parte da linguagem.

A crítica, se é que pode ser tida como crítica também, é a de Saussure ter deixado de lado os aspectos de enxergar a linguagem como ativa, já que ela tem o poder durante um diálogo, por nos revelar os diferentes status, as posições sociais e econômicas no momento pesquisado. Contudo, esse é e vai ser por muito tempo o embasamento científico de muitos estudiosos quando se trata de estudos culturais/representações da linguística e da semiótica. Vimos que mais adiante surgiram os pós-estruturalistas, mais flexíveis para com as ideias de Saussure. Temos



também Peirce, que se baseia em suas obras para dar procedimento a sua Teoria Geral dos Signos, e o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, que tomou os estudos de Saussure para estudar a cultura dos povos "primitivos", inclusive da Amazônia, no Brasil, partindo do entendimento de que os aspectos culturais, assim como a língua, são estruturados, ainda que mantenham diferenças. Assim, os estudos do linguista impactam diversos outros campos do conhecimento e ampliam as abordagens.

Outro autor que podemos relatar é o crítico francês Roland Barthes que, com sua coleção chamada *Mitologias*, usufrui dos estudos de Saussure. Com suas teorias, usa a linguagem e o sentido para representar os objetos e as práticas culturais. O estudo que pesquisa os signos dentro da sociedade relacionados à cultura é o que chamamos de semiótica. Ao entendermos que todos os objetos levam consigo um sentido, que todas as práticas culturais são dependentes do sentido e que todos fazem uso dos signos, estamos fazendo uso dos conceitos linguísticos de Saussure.

Pode-se citar como exemplo Barthes, quando cita a luta mexicana, chamada de luta livre, diferente da luta livre esportiva, que logo vem à mente quando se fala de luta. Barthes dá um enfoque semiótico não somente às palavras e às imagens, mas também diz que os mesmos objetos podem funcionar como significantes na produção de sentido. Destaca-se do seu ensaio *El mito hoy*, de *Mitologías*, outro exemplo de como funciona a representação com o primeiro nível, considerado como significante, e com o segundo nível, que é o cultural, tido como significado. De maneira sintética, Barthes vê uma foto da revista Paris Match, a qual tem como capa um jovem negro com um uniforme francês saudando a bandeira francesa. Se formos analisar, o primeiro nível diz enfatiza a decodificação de cada um dos significantes inseridos dentro do contexto da referida capa: um soldado, um uniforme, um braço levantado, olhos fixos na bandeira francesa. Apresenta-se nesse contexto sinais com uma mensagem ou significado simples e literal: soldado negro realizando uma saudação para bandeira francesa, ou seja, dá-se a denotação. Barthes vai além e diz que a imagem da capa tem também um significado cultural mais vasto. Se questionássemos o porquê de usar um soldado negro saudando a bandeira, uma possível reflexão seria: a França é um império que não discrimina ninguém que serve à sua pátria. Neste item, teríamos a conotação, enfim, o segundo nível. Independentemente de concordar ou não com a interpretação realizada, houve um sentido cultural do contexto.

Assim, Barthes diz que, neste caso, houve representação por meio de dois processos separados, mas interligados. Em síntese, no primeiro estágio, os significantes (os elementos da imagem) e os significados (conceitos - soldados, bandeira etc.) unidos dão um sinal, ou seja, uma mensagem simples denotada. O segundo estágio diz que toda a mensagem ou sinal do primeiro está vinculada a ele, dando um conjunto de outros significados amplos, com teor ideológico, neste caso, do colonialismo francês.



O que diferencia Barthes de Saussure é que este se preocupa menos com as palavras individuais que funcionam como signos dentro da linguagem, pois o que importa são os modelos de linguagem inseridos nas práticas culturais de modo amplo, oferecendo um método mais livre e interpretativo na sua abordagem semiótica. Saussure enxergou que todo sentido podia ser mapeado e categorizado sistematicamente. Mais tarde, compreendeu que categorizar o sentido e a representação nas questões interpretativas da cultura e da sociedade é impossível, pois elas estão suscetíveis às mudanças como nas interpretações, mesmo que haja um sistema binário.

Quanto a Foucault, no que diz respeito aos estudos da representação, entende-os de maneira restrita, comparando Barthes e Saussure. O trabalho de Foucault está mais fincado no fator histórico e nas várias disciplinas das ciências sociais e humanas do que na semiótica. Volta-se ainda para a produção do conhecimento e do sentido através do discurso e não da linguagem. Foucault enxergou a produção de conhecimento (e não significado) por meio do discurso, não da linguagem, pois não utiliza apenas a linguística em seus estudos. Para ele, interessam as regras e as práticas que produzem os enunciados com sentido/significado e que regulam o discurso em diferentes períodos históricos. Analisa como os seres humanos se entendem dentro de suas culturas e como estes conhecimentos produzidos e compartilhados, com o passar do tempo, se transformam e são aceitos e absorvidos pela sociedade.

Compreendendo a visão de Foucault, as ciências sociais e humanas têm muito a ganhar com os aspectos semióticos das representações e como essas, através do discurso, constroem o conhecimento e o sentido na sociedade, pois percebe-se que os sentidos são construídos ao longo do tempo. O que Saussure deixou incompleto para os outros estudiosos, Foucault abraçou de maneira brilhante.

Em síntese, o livro *Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales* de Stuart Hall proporciona uma reflexão crítica sobre a representação, os sistemas de significação e a construção do sentido na cultura. O autor enfatiza a importância da linguagem, do mapa conceitual e da comunicação na formação de significados, conectando ideias de Saussure, Peirce, Barthes e Foucault. O texto analisado revela a relevância desses fundamentos teóricos para os estudos culturais e destaca a complexidade da representação na sociedade, considerando aspectos históricos, culturais e sociais.

Desse modo, a proposta de Hall nessa obra tem, como um dos focos, gerar maior reflexão ao leitor, no que diz respeito ao papel das universidades e da sua conexão com a sociedade. O autor tem como pensamento a ideia de que não deve haver uma separação ao ponto de acontecer uma hierarquização, colocando a pesquisa em um patamar acima, ao ponto de ela se tornar distante e inacessível em relação às demais pessoas e, conseqüentemente, aos interesses sociais. Hall, assim, entende que, nos estudos culturais, o uso da linguagem é como uma matriz que possui



como base o poder, as instituições, a política e a economia. Isso porque as pessoas são, ao mesmo tempo, produtoras e consumidoras da cultura.

Revisado por: Joaquina Maria Batista de Oliveira
E-mail: joaquina1401@gmail.com